

109

*Fronteiras e zonas na circulação global dos  
jogadores brasileiros de futebol*

Carmen Rial

2009

## **Universidade Federal de Santa Catarina**

Reitor: Álvaro Toubes Prata

Diretora do Centro de Filosofia e Ciências Humanas: Roselane Neckel

Chefe do Departamento de Antropologia: Márnio Teixeira Pinto

Sub-Chefe do Departamento: Alberto Groisman

Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social: Sônia Weidner Maluf

Vice-Coordenadora do PPGAS: Esther Jean Langdon

# **ANTROPOLOGIA EM PRIMEIRA MÃO**

## **Editores responsáveis**

*Rafael José de Menezes Bastos*

*Miriam Furtado Hartung*

**Comissão Editorial do PPGAS**    Alberto Groisman  
Alicia Castells  
Marcos Aurélio da Silva  
Miriam Furtado Hartung  
Oscar Calávia Sáez  
Rafael José de Menezes Bastos  
Sônia Weidner Maluf  
Tatiane Scoz  
Vânia Zikán Cardoso

**Projeto Gráfico e Editoração**    Marcos Aurélio da Silva

## **Conselho Editorial**

Alberto Groisman – Aldo Litaiff – Alicia Castells  
Ana Luiza Carvalho da Rocha – Antonella M. Imperatriz Tassinari  
Carmen Sílvia Rial – Deise Lucy O. Montardo – Esther Jean Langdon  
Ilka Boaventura Leite – Maria Amélia Schmidt Dickie – Maria José Reis  
Márnio Teixeira Pinto – Miriam Furtado Hartung – Miriam Pillar Grossi  
Neusa Bloemer – Sônia Weidner Maluf – Theophilos Rifiotis  
Vânia Zikán Cardoso

**Solicita-se permuta/Exchange Desired**

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva de seus autores.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA



*Antropologia em Primeira Mão*



2009

**Antropologia em Primeira Mão** é uma revista seriada editada pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Visa à publicação de artigos, ensaios, notas de pesquisa e resenhas, inéditos ou não, de autoria preferencialmente dos professores e estudantes de pós-graduação do PPGAS.

### **Copyright**

*Todos os direitos reservados. Nenhum extrato desta revista poderá ser reproduzido, armazenado ou transmitido sob qualquer forma ou meio, eletrônico, mecânico, por fotocópia, por gravação ou outro, sem a autorização por escrito da comissão editorial.*

*No part of this publication may be reproduced, stored in a retrieval system or transmitted in any form or by any means, electronic, mechanical, photocopying, recording or otherwise without the written permission of the publisher.*

Antropologia em primeira mão / Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis : UFSC / Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, 2009 - v. 109 ; 22cm

Irregular  
ISSN 1677-7174

1. Antropologia – Periódicos. I. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós Graduação em Antropologia Social.

*Toda correspondência deve ser dirigida à  
Comissão Editorial do PPGAS  
Departamento de Antropologia,  
Centro de Filosofia e Humanas – CFH,  
Universidade Federal de Santa Catarina  
88040-970, Florianópolis, SC, Brasil  
fone: (48) 3721-9364 ou fone/fax (48) 3721-9714  
e-mail: [ilha@cfh.ufsc.br](mailto:ilha@cfh.ufsc.br)  
[www.antropologia.ufsc.br](http://www.antropologia.ufsc.br)*



# *Fronteiras e zonas na circulação global dos jogadores brasileiros de futebol<sup>1</sup>*

**Carmen Rial**

Universidade Federal de Santa Catarina<sup>2</sup>  
rial@cfh.ufsc.br

---

<sup>1</sup> Uma versão desse artigo foi apresentada no Painel Temático Convidado VIII *Fronteiras*, organizado por Bela Feldman-Bianco (Cemi-Unicamp) e Paula Godinho (FCSH-UNL), na reunião da Associação Portuguesa de Antropologia, APA, em 2009. Agradeço às organizadoras, aos presentes que o debateram, e à Capes e ao CNPq os financiamentos que possibilitaram essa pesquisa. Agradeço ainda à bolsista de Iniciação Científica Mariane Pisani o diálogo sempre produtivo e a Fernanda Cardozo, pela revisão imprescindível dessas páginas. E a Miriam Pillar Grossi, pela leitura crítica.

<sup>2</sup> Professora do PPGAS, do PPGICH e do Departamento de Antropologia.

## RESUMO

*Fronteiras são espaços especiais: liminares, híbridos, escorregadios, perigosos, controlados, reprimidos e potencialmente sangrentos. Sabem disso os milhares de brasileiros que hoje vivem como indocumentados no exterior. Não é o caso dos jogadores de futebol cujo movimento de atravessar fronteiras é aqui analisado. Analisamos a circulação dos jogadores brasileiros através das fronteiras e no interior da zona (também chamada de bolha) constituída de espaços homogeneizados, vigiados, protegidos, de acesso restrito - aeroportos, estádios, hotéis, centros de treinamento, clínicas médicas, clínicas de fisioterapia, saunas -, que poderiam ser designados como não-lugares. E seu trânsito nos lugares (a casa) marcados pela busca de uma brasilidade. Inicialmente, tratamos dos destinos preferenciais dos jogadores brasileiros transferidos para o exterior e especialmente, para Portugal, país que lidera a captação desse fluxo migratório.*

**Palavras-chave:** fronteira, zonas, bolha, emigração, futebol.

## ABSTRACT

*Frontiers are special spaces: they are slippery, dangerous, controlled, repressed, hybrid and potentially bloody thresholds. The thousands of Brazilians who now live as undocumented workers abroad are aware of this. This is not the case of football players whose movements across frontiers are analyzed here. We analyze the circulation of Brazilian football players across borders and at the interior of the zone (also called the bubble) composed of homogenized, guarded, protected, spaces of limited access - airports, stadiums, hotels, training centers, medical clinics, physical therapy clinics and saunas -, that can be designated as non-places. We also look at their movement in those places (the home) marked by efforts to establish a "Brazilianness". We first consider the preferential destination of the Brazilian players transferred abroad and especially Portugal, the country that leads in receiving this migratory flow.*

**Keywords:** frontiers, zones, bubbles, emigration, football.

---

*O futebol é hoje o fenômeno mais universal, bem mais do que a democracia ou a economia de mercado, das quais se diz que não têm fronteiras, mas que não atingem a mesma superfície do futebol.*

Uso a declaração de Pascal Boniface (ANGER, 2006: 49), diretor do Instituto Nacional de Relações Internacionais e Estratégicas da França, como alibi para abordar aqui o futebol, especificamente o movimento de atravessar fronteiras efetivado pelos jogadores brasileiros de futebol, o que aparentemente poderia aparecer como um foco secundário diante do quadro de intensos fluxos migratórios de refugiados políticos, refugiados climáticos, emigrantes econômicos, emigrantes indocumentados, trabalhadores, etc.

Pouco exploro, porém, suas vindas para Portugal, pois ainda não realizei uma pesquisa sistemática nos clubes portugueses. Essa ausência de Portugal é imperdoável, não só porque Portugal é o principal destino na Europa entre os jogadores que saem do Brasil, mas também porque é hoje a seleção nacional que acolhe mais brasileiros, três (o que corresponde a 28% da equipe nacional titular), os quais têm tido participações decisivas sob essa outra bandeira<sup>3</sup>. Manchetes recentes dos jornais<sup>4</sup> portugueses mostram que Hulk estava cotado<sup>5</sup> para ser o quarto jogador na seleção de Portugal. Em meio ao comum processo de naturalização em curso, ele manifestava esperanças de ainda ser chamado antes para a seleção brasileira. O que parecia um sonho distante quando conversei longamente com o então desconhecido jovem atacante Hulk (Givanildo Vieira de Souza), em 2006, no Japão, quando atuava no Tokyo Verdi, um dos clubes da capital, acabou acontecendo em 2009, e com isso impedin-

<sup>3</sup> Apenas para lembrar atuações recentes em jogo pelas eliminatórias à Copa do Mundo de 2010, um gol de Pepe deu a vitória contra a Hungria; um gol de Liedson foi marcado no jogo anterior, contra a Dinamarca.

<sup>4</sup> “FC Porto é Hulk e mais dez”; “Dos 44 gols do Porto na temporada, Hulk participou diretamente de 20 e marcou 8”; “Hulk é o grande nome da temporada até aqui”.

<sup>5</sup> Termo nativo futebolístico, que tem relação com o termo econômico usado para se referir ao valor de ações na Bolsa, no mercado de capitais Cotação: *sf* (*cotar* + *ção*) 1 Ação ou efeito de cotar. 2 Com Preço corrente das mercadorias, dos papéis de crédito, títulos da dívida pública etc. 3 Indicação desses preços. 4 Apreço, conceito, conta. Em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=cota%E7%E3o>.

do-o de vestir a camisola portuguesa<sup>6</sup>.

Os números dão conta de um intenso fluxo. Vieram para Portugal, em 2007, ano de maior afluxo, nada menos de 227 jogadores de futebol, o que representou quase 21% de nossas exportações futebolísticas.

JOGADORES BRASILEIROS EXPORTADOS PARA PORTUGAL <sup>7</sup>			
PERÍODO	TRANSFERÊNCIAS PARA PORTUGAL	TOTAL DE TRANSFERÊNCIAS INTERNACIONAIS	PERCENTUAL
2009(até novembro)	176	960	18,3%
2008	209	1.176	17,7%
2007	227	1.085	20,9%
2005	138	804	17,1%
2004	134	857	15,6%
2003	141	858	16,4%
2002	130	665	19,5%

De fato, em 2008 e 2009 Portugal captou três vezes mais jogadores que a Alemanha (58 e 57 respectivamente), o segundo país que mais importou nesses anos; em 2007, mais que o dobro do Japão (57), segundo país que mais importou nesse mesmo ano; em 2006, 2005 e 2004, três vezes mais do que o Japão (49, 45, 35 respectivamente), segundo país que mais importou no período; e, em 2003, mais do que o dobro em relação à Alemanha (56), segundo país que mais importou jogadores brasileiros no referido ano.

Esse interesse dos clubes portugueses pelos jogadores brasileiros não é recente. Boa parte dos meus dados sobre os jogadores brasileiros no exterior nas décadas de 1950 e 1960, por exemplo, foram obtidos em conversas, em Fortaleza, com Francisco Nunes Rodrigues, o Pacoti, nordestino que jogou no Sporting e foi campeão por duas vezes. O cearense Pacoti, que, juntamente com a esposa, sofreu com o “duro” frio de Portugal, levou na bagagem 12 quilos de discos de vinil de Nelson Rodrigues e, todos os dias, conseguia captar com esforço no rádio a *Hora do Brasil*, para ouvir alguma notícia do país e se emocionar com o hino nacional.

<sup>6</sup> Mantive aqui os nomes dos jogadores citados pois, quando lhes foi oferecido anonimato, recusaram. O mesmo se aplica aos assessores entrevistados.

<sup>7</sup> Fonte: site da Confederação Brasileira de Futebol. Tabela de Fernanda Cardozo



A presença de brasileiros no centro da cena futebolística portuguesa não fica só nos jogadores. Ninguém esquece o papel do técnico Felipe Scolari, vice-campeão da Copa da Europa de 2004, o qual foi decisivo, portanto, no campo futebolístico e, extra-campo, no revigoramento de um nacionalismo pós-Salazar<sup>8</sup> que ganhou expressão no porte das bandeiras e em slogans patrióticos, com as quais se recriou uma fronteira simbólica de incorporação e exclusão que, como ocorre nesses processos, conduziu a antigas e a novas classificações.

As motivações do sentido desse fluxo de futebolistas mais intenso Brasil-Portugal são evidentes: nossas fronteiras sempre foram mais tênues, não apenas pelo compartilhamento da língua, pela proximidade histórica estabelecida pelas relações entre a colônia e a metrópole, mas por uma legislação migratória especial, para a qual o brasileiro não era plenamente estrangeiro em solo português, do mesmo modo que os portugueses não eram totalmente outros no Brasil, e que tem sido designada como “invisibilidade”. Incluídos em uma categoria especial, eram imigrantes liminares, nem totalmente estrangeiros, nem plenamente cidadãos, pois Brasil e Portugal tiveram fronteiras permeáveis até o ingresso de Portugal na União Europeia. Em Portugal, pesquisas tem apontado a existência de duas ondas de imigrantes brasileiros: uma primeira, mais antiga e rica e uma segunda, mais recente e pobre, onde os trabalhos ocupados são disputados com os emigrantes da África (MACHADO, 2007).

Olhando os números de ingresso de brasileiros no futebol Português – que inclui todas as divisões do futebol profissional, mas não outras modalidades futebolísticas, como o futebol de salão, categoria em que os brasileiros têm grande presença também –, notamos que permanece constante, oscilando entre 15,6% e 20,9%. Portugal continua sendo o destino principal dos brasileiros, uma das mais importantes portas de entrada para a Europa, ainda que não esteja entre os eleitos preferencialmente por eles - os jogadores que contatei hierarquizam os clubes em que preferem atuar, os da Espanha, Itália e Inglaterra estando entre os considerados melhores (Rial 2008). No ano em curso, 2009, a Alemanha, que é o segundo país europeu que mais acolheu jogadores vindos do Brasil, recebeu 57 deles, apenas 5,9 % do total de saídas, curiosamente o mesmo número, 34, que o longínquo Vietnã.

---

<sup>8</sup> Agradeço a antropóloga Cristiana Bastos por essa observação.

DESTINOS PREFERENCIAIS DOS 960 JOGADORES BRASILEIROS TRANSFERIDOS PARA O EXTERIOR EM 2009 (até 01/11/2009) <sup>9</sup>		
PAIS DE DESTINO	TOTAL DE TRANSFERÊNCIAS	PERCENTUAL
PORTUGAL	176	18,3%
ALEMANHA	57	5,95
JAPAO	41	4,2%
ESPAÑA	34	3,5%
VIETNAM	34	3,5%
ITÁLIA	32	3,3%
PARAGUAI	31	3,2%
SUECIA	27	2,8%
ESTADOS UNIDOS	24	2,5%
CORÉIA DO SUL	19	1,9%
CHINA	15	1,5%
GRECIA	14	1,4%
QATAR	14	1,4%

Os números mostram também uma persistência da liderança de Portugal entre os destinos preferenciais dos jogadores, mesmo diante de uma ampliação das fronteiras possíveis para esses jogadores: há muito distribuídos por todos os continentes, agora em maior número e em um número maior de países. Essa ampliação de fronteiras tem sido lenta, mas consistente: em 2002, ano em que a CBF iniciou a divulgação dos dados relativos à saída de jogadores, os 665 brasileiros que saíram tiveram como destino 71 países; no ano seguinte, eles aumentaram em 166 e se dirigiram para dez países a mais; em 2004, eles diminuíram em um, foram 857, mas aumentaram em número de países, 82; em 2005, foram menos em número absoluto, 804, mas se distribuíram em mais países, 84; em 2006, foram 851, aumentando em 3 os destinos, ou seja, 87 países; em 2007, aumentaram em 234 o número de saídas, chegando a 1.085, e a expansão das fronteiras continuou, com mais duas, chegando a 89 o número de países de acolhida; em 2008, o número de saídas passou a 1.176, e o de países de acolhida saltou para 95.

<sup>9</sup> Fonte: site da Confederação Brasileira de Futebol <http://www.cbf.com.br/php/transferencias.php>. Tabela da autora

NÚMERO DE PAÍSES DE DESTINO DOS JOGADORES BRASILEIROS TRANSFERIDOS PARA O EXTERIOR <sup>10</sup>								
ANO	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009 (até 1/11)
PAÍS DE DESTINO s	71	81	82	84	87	89	95	90
TOTAL DE TRANSFERÊNCIAS	665	858	857	804	851	1.085	1.176	960

Ao lado de Portugal, três outros países aparecem, nos oito anos (2002 a 2009), na lista dos dez que mais importaram jogadores: a Alemanha, o Japão e a Itália; em seis anos, aparece a Espanha. São esses, portanto, os destinos preferenciais dos futebolistas emigrantes. Como vemos, os destinos dos jogadores emigrantes aproxima-se mas não coincide com os destinos preferenciais dos emigrantes em geral; e apresenta uma grande dissidência: os Estados Unidos, líderes na captação de emigrantes brasileiros em geral, têm um papel secundário, contando, ao longo dos oito anos, com um total de míseros 127 jogadores importados. Portugal seria o quarto destino preferencial dos emigrantes brasileiros em geral, contando em 2002 com 100 mil emigrantes brasileiros<sup>11</sup>; e a Inglaterra, ainda mais secundário em números absolutos (embora seja valorada muito positivamente pelos jogadores), tendo importado, de 2002 a 2009, apenas 57 jogadores. O estranho caso da Inglaterra – alta valoração do destino mas baixo número de futebolistas imigrantes – explica-se também pela legislação nacional, que, por um lado, é extremamente liberal em relação aos estrangeiros – os clubes ingleses não precisam obedecer a uma cota máxima de estrangeiros em campo, o que faz com que algumas equipes sejam formadas quase que só por estrangeiros

<sup>10</sup> FONTE: <http://www.cbf.com.br/php/transferencias.php>. Tabela de Fernanda Cardoso

<sup>11</sup> Dados de 2002 do Ministério do Exterior (apud MACHADO 2007). Um levantamento do Ministério de Relações Exteriores, que contabilizou os registros de brasileiros nos consulados e embaixadas brasileiras, dá conta de um total de brasileiros registrados igual a “1.419.440 em 1996, elevando-se para 1.887.895 em 2000 e 2.041.098 em 2002, com ligeiro declínio em 2003, ano em que foram registrados 1.805.436 brasileiros vivendo fora do país” (Patarra 2005:26)

–, mas, por outro, exige que, para ingressar no futebol inglês, o jogador tenha já um número determinado de participações na seleção de seu país, o que faz com que diminua drasticamente o número de potenciais candidatos. Como mostrei em outro lugar (RIAL, 2008), essa diferença entre as emigrações de brasileiros em geral<sup>12</sup> e de jogadores de futebol brasileiros ocorre pelo fato dos clubes de destino ocuparem posições diversas na hierarquia futebolística global, que não corresponde à hierarquia política ou econômica mundial – caso do papel secundário dos Estados Unidos –, ou por legislações nacionais restritivas à importação de jogadores, como no caso da Inglaterra.

## Fronteiras futebolísticas

Sabemos que o impacto da globalização é desigual e que certos fluxos são mais intensos do que outros. No futebol brasileiro, os fluxos relacionados à força de trabalho são no sentido centrífugo e prevalecem largamente sobre os fluxos centrípetos de capital, entendidos aqui como dinheiro investido nos clubes. Embora, nos últimos anos, o país tenha recebido grandes aportes de capitais estrangeiros, estes ainda são irrelevantes no futebol, e as experiências ocorridas (Parmalat no Palmeiras, MSI no Corinthians) foram, em geral, avaliadas negativamente, ainda que a associação do Palmeiras com a empresa italiana tenha tido uma repercussão bem mais positiva e opiniões divididas. O mundo da economia e da política e o *sistema futebolístico* (RIAL, 2008) são mundos paralelos, e nem sempre os movimentos em um apresentam correspondência no outro.

E é assim também quando se trata de fronteiras. As fronteiras nacionais que os emigrantes brasileiros preferencialmente cruzam não são as mesmas que cruzam os jogadores brasileiros exportados, nem do ponto de vista físico, territorial (a *border*), pois são outros os países que aparecem como destino dos jogadores, nem do ponto de vista da modalidade desses cruzamentos – e também não se considerarmos suas preferências, seus horizontes (*frontier*). Baseada em uma pesquisa etnográfica

---

<sup>12</sup> Para maiores informações sobre as migrações de brasileiros para os Estados Unidos, ver Margolis 1994, Assis 1995, Ribeiro 1999, Martes 1999, Reis e Sales 1999, Martes e Fleischer 2003; para o Paraguai, Sprandel 1992.

---

(RIAL, 2008) em 13 países<sup>13</sup>, nos quais conversei com mais de 40 jogadores de futebol brasileiros (e mais de 15 familiares ou assessores) que viviam ou tinham vivido no exterior, a maioria atuando em clubes importantes no sistema futebolístico, gostaria de abordar aqui as fronteiras territoriais ultrapassadas por esses jogadores e especialmente a modalidade desse cruzamento.

Como sabemos, fronteiras entre nações apresentam diferentes permeabilidades. Nos movimentos migratórios mais gerais, ganham visibilidade maior os fluxos no sentido dos países do norte, de onde são enviados os maiores montantes de remessas, embora existam fluxos regionais importantes. Também no futebol é assim, embora nesse caso não se possa pensar em termos de países centrais e periféricos, pois nem sempre países centrais (Estados Unidos, Canadá) são centrais no sistema futebolístico, em cujo âmbito países ditos emergentes (Brasil, Argentina) ocupam lugares de grande destaque. Pouco se fala na ida de futebolistas brasileiros para países da América Latina. Os jogadores que contatei na Holanda, por exemplo, têm uma visibilidade no *mediascape* (APPADURAI, 1990) muito maior do que os que estão na Bolívia, embora para a Holanda tenham ido apenas 37 brasileiros desde 2002 enquanto para a Bolívia transferiram-se 128 futebolistas. E note-se que é o México e não a Bolívia o país latino que historicamente tem recebido mais jogadores brasileiros. De fato, se olharmos as estatísticas desde 2002, observamos que, em todos os anos, pelo menos um país latino-americano (e às vezes dois) consta entre os dez maiores compradores. Evidentemente, ganha visibilidade maior a transferência para os grandes centros futebolísticos, onde estão localizados os *clubes-globais* (RIAL, 2008), como Espanha, Alemanha, Itália, ainda que países como o Paraguai, a Suécia e, claro, Portugal possam superar numericamente essa imigração.

É assim também com os fluxos migratórios mais gerais: dá-se grande visibilidade ao cruzamento das fronteiras europeia ou norte-

---

<sup>13</sup> Países onde realizei pesquisa: Espanha, Holanda, França, Bélgica, Mônaco, Canadá, Japão, Índia, Coreia, China, Portugal, Grécia e Brasil. Além desses, outros seis ajudaram a complementar os dados: Estados-Unidos (observações na Califórnia e aparece citado por jogadores), Tailândia (observações em Bangkok, visita ao hotel Grand Hyatt onde estava o Liverpool), México (aparece citado em entrevistas), Venezuela (aparece citado em entrevistas), Uruguai e Argentina (busquei dados de saídas para o exterior, mas não realizei entrevistas).

americana, transformadas em fronteiras armadas para impedir esse fluxo migratório, e menos se têm abordado os movimentos regionais, impulsionados por crises políticas ou climáticas, que são numericamente superiores<sup>14</sup>.

Assim como não são as mesmas as fronteiras territoriais preferenciais cruzadas por emigrantes brasileiros (Estados Unidos, Paraguai, Japão<sup>15</sup>) e futebolistas brasileiros (Portugal, Japão, Alemanha e Itália<sup>16</sup>), também não são as mesmas as modalidades de seu cruzamento, ou seja, o como são atravessadas. Pode-se entrar num país sobrevoando-o, através de um aeroporto (que recria, no balcão de vistoria de passaportes, a fronteira territorial já ultrapassada fisicamente); pelo mar, através de um porto; como turista ou trabalhador; ou se pode entrar clandestinamente, sem passar pelos postos de controle, sujeito a riscos, nadando ou rastejando até. Como ultrapassam as fronteiras os jogadores?

Fronteiras físicas servem para separar, para impedir – algumas, que se entre; outras, que se saia –, sob forma de muros ou muralhas ou sob a de rios, montanhas ou outros acidentes geográficos. Fronteiras são espaços especiais: liminares, híbridos, escorregadios, perigosos, controlados, reprimidos e potencialmente sangrentos. Ou, como nos diz a feminista chicana Gloria Anzaldúa (1987: 3), “fronteiras são erigidas para definir os lugares que são seguros e os não-seguros, para distinguir o *nós* dos *outros*. Uma fronteira é uma linha divisória, uma estreita faixa ao longo de uma borda íngreme”<sup>17</sup>.

Fronteiras criam também espaços intermediários, alguns transna-

<sup>14</sup> Como bem ilustrou a exposição *Terre Natale*, de Raymond Depardon e Paul Virilio, na Fundação Cartier, em Paris, em 2009.

<sup>15</sup> “Dados do Ministério das Relações Exteriores de 1996 mostram que 38% dos brasileiros que emigram foram para os Estados Unidos, 30% para o Paraguai, 13% para o Japão e 11% para a Europa. O primeiro boom de imigrantes brasileiros nos Estados Unidos foi registrado nos anos 1980. Atualmente, o número total de brasileiros vivendo lá é difícil de ser calculado, já que a maioria deles é clandestina, porém o Ministério das Relações Exteriores (1996) estima que seja em torno de 1% da população brasileira (aproximadamente 1,6 milhões). Os imigrantes são geralmente jovens, com bom nível de escolaridade, pertencentes à classe média e, emigram em busca de sucesso financeiro”. Disponível em: <http://www.comciencia.br/reportagens/migracoes/migr15.htm>

<sup>16</sup> De 2002 a novembro de 2009, transferiram-se para Portugal um total de 1.295 jogadores, para o Japão 339, para a Alemanha 329 e para a Itália 294. Cf. <http://www.cbf.com.br/php/transferencias.php>

<sup>17</sup> “Borders are set up to define the places that are safe and unsafe, to distinguish *us* from *them*. A border is a dividing line, a narrow strip along a steep edge”.

cionais, espaços habitados por gente híbrida, um pouco daqui e um pouco de lá, ou, na maior parte dos casos, nem daqui nem de lá. É o caso dos chicanos, por exemplo, habitantes de uma *borderland*, sendo que, como proferem seus slogans políticos em referência à invasão norte-americana do México em 1846, “não atravessamos a fronteira, foi a fronteira que nos atravessou”. Essa *zona* de fronteira é um espaço vago, indeterminado, que, como nos expõe Anzaldúa (1987: 3),

(...) está em um constante estado de transição. O proibido e os coibidos são os seus habitantes. *Los atravesados* vivem aqui: o vesgo, o perverso, o *queer*, o incômodo, o indisciplinado, o mestiço, o mulato, o crioulo, o meio morto; em suma, aqueles que atravessam, que passam, ou que ingressam nos confins do “normal” formam um terceiro país – uma cultura de fronteira<sup>18</sup>.

Ora, dentre os milhões de brasileiros<sup>19</sup> atualmente vivendo no estrangeiro, a maior parte dos quais indocumentados vivendo clandestinamente, cerca de cinco mil são jogadores profissionais de futebol, nenhum deles na clandestinidade, já que esta é uma condição impossível, pois o sistema futebolístico disseminado pelo planeta a partir da Inglaterra no final do século XIX e regido pela FIFA não o permite. Embora haja muitos mulatos/mestiços/crioulos, são todos fisicamente exuberantes e *queers* – se existem, escondem-se. Muitos estão vivendo em países marginais no sistema futebolístico mundial, como a Índia (para onde foram 48 jogadores, de 2002 até novembro de 2009, e de onde retornaram 28 de 2005 a 2009) ou a Arábia Saudita (para onde foram 77 jogadores, de 2002 até setembro de 2009, e de onde retornaram 42, de 2005 a

---

<sup>18</sup> “A *borderland* is a vague and undetermined place created by the emotional residue of an unnatural boundary. It is in a constant state of transition. The prohibited and forbidden are its inhabitants. *Los atravesados* live here: the squint-eyed, the perverse, the queer, the troublesome, the mongrel, the mulato, the half-breed, the half dead; in short, those who cross over, pass over, or go through the confines on the “normal” form a third country – a border culture”.

<sup>19</sup> Número impreciso, pois o Ministério de Relações Exteriores não possui dados exatos e calcula em cerca de 3,5 milhões, dos quais um terço viveria clandestinamente no exterior. Desse contingente, nos Estados Unidos estariam 38%, no Paraguai 30%, no Japão 13%, e na Europa 11% (Alemanha 70 mil, Itália 70 mil, Espanha 50 mil, Reino Unido 35 mil). Outros estudos apontam para um número maior: seriam 5 milhões de brasileiros vivendo no exterior.

2009)<sup>20</sup>, ou jogando em clubes menores na Europa, na segunda ou na terceira divisão.

Apesar da enorme diferença de salários e de contextos culturais (a maioria dos jogadores que se transferem para o exterior o fazem para clubes pequenos, que pagam salários irrisórios. Porém, os jogadores que entrevistei calculo que recebam entre 400 mil a 3 milhões de euros por ano, ao que se deve somar os prêmios por performances e os contratos publicitários, que em alguns casos superam o valor do salário), a modalidade de cruzamento de fronteiras desses jogadores não é assim tão distante: todos saem e entram legalmente nos países; todos já têm uma inserção profissional garantida; todos atravessam a fronteira guiados por pelo menos um mediador – o chamado “empresário” ou “agente FIFA”, obrigatório em transferências internacionais, que realiza os contatos entre os dois clubes, sendo credenciado pela FIFA para tal depois de passar por um exame que inclui o conhecimento da língua inglesa e recebendo uma remuneração proporcional ao montante pago pelo jogador, geralmente em torno de 10%. Este mediador, que poderíamos aproximar à figura sinistra do atravessador de emigrantes indocumentados (ASSIS, 2007) é quem facilita a passagem pela fronteira. Ou seja, mesmo os jogadores que partem para clubes menores contam com o apoio legítimo e oficial de um empresário, sua passagem pela fronteira sendo, assim, mais fácil do que a de um imigrante comum ou até a de alguns turistas<sup>21</sup>.

20

ANO	ÍNDIA		ARÁBIA SAUDITA	
	IDAS	RETORNOS	IDAS	RETORNOS
2003	11	-	18	-
2004	5	-	15	-
2005	9	8	15	14
2006	9	4	11	11
2007	5	10	9	8
2008	4	2	3	9
2009 (até nov.)	3	4	4	4
Total	46	28	75	46

<sup>21</sup> Embora mais fácil, o trânsito dos turistas sofreu com o pós-9/11 e com a implementação de uma sociedade global de vigilância. Hoje, mesmo os turistas, para serem aceitos em muitos países, necessitam de vistos (visas) e precisam provar que têm recursos finan-



A maioria dos que contatei nessa pesquisa, porém, estavam em grandes clubes, alguns em *clubes-globais*, e integram ou integraram a seleção brasileira<sup>22</sup>, para onde todos aspiravam dirigir-se.

Abro um parêntesis para explicar o que estou definindo como *clube-global*: numa analogia com a categoria de Sassen (1991, 2003) de cidades-globais, designo por clubes-globais os que transcenderam as fronteiras de suas cidades, regiões e mesmo estados-nações. Possuem torcedores espalhados pelo planeta e jogadores provenientes de diferentes lugares do mundo, estão presentes na mídia em diferentes países, concentram capital proveniente de diferentes origens nacionais e, principalmente, habitam a imaginação de uma população planetária.

Clubes-globais são, assim, nódulos de fluxos econômicos, humanos, midiáticos e simbólicos globais. Contrastam com os clubes-nacionais, de menor alcance e que predominavam antes dos anos 1980, mas estão com eles organizados em rede e com eles estabelecem alianças que permitem uma maior mobilidade dos jogadores pela troca, venda ou empréstimo. Essas redes funcionam como circuitos transfronterísticos, de maneira que o pertencimento nacional ou regional estabelece um limite mais rígido do que o pertencimento clubístico. Ou seja: é mais fácil para um jogador do Internacional transferir-se para o Bétis, na Espanha, do que para o Grêmio, também de Porto Alegre, ou para o Flamengo, times vistos como rivais diretos. Do mesmo modo, é mais fácil um jogador do Corinthians ir para a Coreia do que para o Palmeiras, clube vizinho mas rival. Fecho o parêntesis.

A primeira leva de jogadores de futebol brasileiros a cruzar fronteiras nacionais ocorreu na década de 1930, logo após a Copa do Mundo disputada no Uruguai, e teve como destino principal a Itália, terra de origem de ancestrais de muitos dos jogadores emigrantes, o que fez com que esse deslocamento tomasse ares de um retorno e não de uma migração. Como o Brasil, só recentemente, transformou-se de país receptor de imigrantes laborais em um país que cede trabalhadores mais do que os

---

ceiros, estabilidade no emprego, ainda assim ocorrendo casos em que são recusados, como aconteceu comigo, que não consegui, junto ao consulado em Los Angeles, em 2009, visto para ir ao Canadá, alegadamente por não ter apresentado provas de um forte vínculo com o país de origem.

<sup>22</sup> Conversei com os seguintes jogadores que já estiveram na seleção brasileira principal: Gomes, Alex, Adriano (Sevilha), Daniel Alves, Maycon, Renato, Marcos Assunção, Denílson, Pacoti, Ricardo Oliveira, Edu e Hulk.

recebe, o sentido do movimento dos jogadores de futebol no Brasil, portanto, antecipou a dos outros emigrantes brasileiros.

De fato, se analisarmos os fluxos de jogadores da América do Sul para a Europa, e particularmente do e para o Brasil, constatamos que eles cresceram enormemente nos últimos anos, mas não são novos. O mundo descobriu o futebol sul-americano já na década de 20, através das vitórias Uruguaias nas Olimpíadas de Paris e de Amsterdã, e, depois, na Copa do Mundo disputada em Montevidéu. E se encantou, sobretudo, com um tipo de jogador sul-americano, os dribladores, capazes de evitar o choque corporal através de gingas. Suas qualidades estilísticas de jogo foram transportadas para o biológico, naturalizadas, e, em seguida, associadas à raça e à nação (ARCHETTI, 1999; DA MATTA, 1982; LEITE LOPES, 1994; RIAL, 2009). Um jornalista francês presente na final Olímpica de 1924, Maurice Pefferkorn (1944), escreveu sobre os jogadores uruguaios: “estamos diante de homens que parecem ter encontrado no futebol uma segunda natureza”.

Estaríamos afastando-nos do ponto dessa fala se me alongasse sobre o mito associado com os futebolistas sul-americanos, construídos como homens de habilidades corporais especiais e qualidades estéticas remarcáveis. Apenas assinalo de passagem que a Europa, e especialmente a França, atravessava um momento de efervescência cultural, e a descoberta do Outro negro se dava em muitas instâncias, o futebol sendo apenas uma delas. “Era a época dos ‘anos loucos’, do Ballets nègres e de Josephine Baker em Montparnasse e Carlos Gardel e o tango argentino em Paris” (LANFRANCHI, 2001: 70). Era época em lutadores negros de box excursionavam pela Europa, que platéias aplaudiam os músicos de fox-trot, de jazz band, e de chorinho (MENEZES BASTOS, 2007). E era a época em que antropólogos e artistas excursionavam pela África (CLIFFORD, 1988; GROSSI et alli, 2006).

Embora modesta em números, a saída de jogadores brasileiros para o estrangeiro já era, então, considerada um “êxodo” em algumas matérias jornalísticas<sup>23</sup>, terminologia que volta a ser resgatada. E só no último ano, com o estabelecimento de um fluxo de retorno consistente, deixou-se de falar com tanta persistência em êxodo – ou melhor, ele aparece es-

---

<sup>23</sup> Agradeço ao historiador cearense Airton Fontenelle, detentor de uma das mais completas bibliotecas sobre futebol no Brasil, o acesso às matérias sobre futebol, publicadas em jornais brasileiros dos anos 30 em diante.

---

poradicamente quando as “janelas de transferências”<sup>24</sup> se abrem. Existindo, portanto, desde as primeiras décadas do século XX, essa emigração acelerou-se nos últimos anos, em parte pela mudança da legislação europeia pós-Bosman. O decreto Bosman, emitido pela Corte de Justiça da Comunidade Europeia em 15 de dezembro de 1995, permitiu a livre-circulação de jogadores na Europa. Além disso, pós-decreto Bosman, foram assinados acordos com as Federações da Rússia, com países das antigas repúblicas soviéticas, com países africanos e caribenhos, possibilitando o livre-trânsito de jogadores nesses (e, principalmente, desses) países. E, no Brasil, essa determinação tomou a forma inicialmente da lei de Zico e posteriormente, com uma maior flexibilização ainda, da lei Pelé<sup>25</sup>. Pós-Bosman, instaura-se a liberdade de circulação nos países que flexibilizam as relações clube-jogadores – o que não é o caso de todos os países, já que a Argentina, por exemplo, manteve uma legislação bem menos neoliberal<sup>26</sup>.

### *A zona ou bolba*

Voltemos, então, à questão acerca de como os jogadores atravessam as fronteiras, já que vimos que as fronteiras que atravessam não são preferencialmente as atravessadas pelos emigrantes indocumentados brasileiros, que, em sua maioria, ingressam como turistas e permanecem no país depois de expirado seu visto legal.

Os jogadores de futebol integram a parcela economicamente muito

---

<sup>24</sup> Os jogadores exportados para os clubes europeus, destino preferencial, não o são em qualquer momento, apenas nas semanas determinadas pela UEFA para as transferências entre clubes, chamada de “janela”. Esta coincide com as paradas nos campeonatos europeus, mas, dado o calendário diferente, ocorre no meio de importantes competições no Brasil, o que faz com que o país perca seus melhores jogadores em meio ao campeonato nacional. O próprio presidente Lula já solicitou mudança no calendário brasileiro para que coincida com o europeu e evite essa descaracterização das equipes – o que faria com que a competição brasileira se realizasse em janeiro e fevereiro, em pleno verão.

<sup>25</sup> <http://www.planalto.gov.br/ccivil/leis/L9615consol.htm>. A Lei 9.615/98, batizada de Lei Pelé, que entrou em vigor no dia 24 de março de 1998, substituiu e tentava aperfeiçoar a Lei Zico. A legislação instituiu normas gerais sobre o desporto brasileiro, e no ponto que nos interessa aqui, determina o fim do passe que era o vínculo entre jogador e clube que impedia as transferências sem o aval do clube. Agora, após o final do contrato, o jogador é livre para transferir-se.

<sup>26</sup> Agradeço ao antropólogo Matias Godio por essa lembrança.

significativa, hoje, constituída por emigrantes que o fazem com a certeza de uma acolhida institucional; esse grupo é integrado por profissionais com diferentes níveis de remuneração, desde operários de plataformas de petróleo, filles-au-pair, estudantes em estações de Sky ou em kibutz (MAJER, 2007), trabalhadoras de sexo (PISCITELLI, 2004) ou dançarinas eróticas (MAIA, 2009), bichos-de-obra (RIBEIRO, 1992), profissionais transnacionais analisados (TARRIUS, 1992) e outros trabalhadores qualificados (FAVELL, 2006). Os estudos sobre a migração de trabalhadores com alta remuneração inicialmente focalizou o trabalho especializado, intelectual, o chamado “roubo de cérebros”, mas mais recentemente outras inserções profissionais passaram a ser consideradas, como é o caso de uma parcela dos jogadores que emigram.

Suas viagens, ao contrário das de outros emigrantes, são cercadas de certezas muito mais do que de riscos. A circulação dos jogadores brasileiros ocorre em uma zona constituída de espaços homogeneizados, vigiados, protegidos, de acesso restrito – aeroportos, estádios, hotéis, centros de treinamento, clínicas médicas, clínicas de fisioterapia, saunas –, que poderiam ser designados como não-lugares (AUGÉ, 1992), e de lugares (a casa), estes marcados pelo consumo e pelo estilo de vida brasileiro.

Encontramos exemplos de *zonas* similares em outras profissões, como a de estrelas de cinema durante a *tourmage* de um filme ou entre altos escalões políticos. Um jornalista que acompanhou a delegação do presidente Bush em visita ao Brasil descreveu sua experiência na *bolha*, que é como é designada por eles a *zona* criada em torno do presidente para garantir sua segurança. Uma vez adquirida a credencial de ingresso nessa *bolha*, o sujeito é afastado dos outros mortais, passa a conviver apenas com outros sujeitos que possuam a mesma credencial, e seus movimentos são vigiados pelos seguranças em grande número que cercam o grupo; viajam em aviões especiais, as áreas nos aeroportos são fechadas para eles, e mesmo as ruas e às vezes grandes pedaços dos bairros são isolados para que passem, batedores à frente, acompanhando a figura central – no caso, Bush. Suas necessidades de alimentação, transporte, moradia são supridas.

Jogadores de clubes-globais ou seleções nacionais têm um tratamento semelhante em muitas ocasiões, como pude ver em Bangkok durante a excursão do Liverpool à Tailândia, com o fechamento da frente do Gran Hotel Hyat por barreiras de metal, com seguranças armados,

---

bastões, detectores de metal, policiais armados, batedores protegendo o ônibus nos seus deslocamentos, seguranças formando corredores para os jogadores. Mesmo equipes menores mantêm a impermeabilidade dessas *zonas*: quando em visita ao centro de treinamentos do Panatinaikos, em um subúrbio afastado de Atenas, pude presenciar a indignação de um taxista que, tendo conseguido descobrir a localização semissecreta do local, sentia-se com direito a assistir ao treino rotineiro que se realizava em um dos vários campos de futebol, sem obter, do porteiro ou do gerente do departamento de futebol que me conduzia em uma van, a autorização de entrada. Engana-se quem pensa que se trata de casos excepcionais, envolvendo as grandes potências futebolísticas europeias. Como Bitencourt (2009) mostrou bem com o estudo de um clube nacional, o Clube Atlético Paranaense, a vigilância sobre os corpos dos jogadores faz com que sejam escrutinados por máquinas, medidos, pesados, analisados microscopicamente, em uma anatomopolítica do detalhe (FOUCAULT, 1987). Ela se estende à alimentação cotidiana, ao sono, ao uso dos músculos; e toda uma gama de aparelhos de alta tecnologia e de profissionais é acionada para que esse micro biopoder (FOUCAULT, 1976) se exerça de modo ininterrupto e permanente.

Para passar de um país a outro, uma vez na *zona*, o jogador não necessita de identidade, passaporte, vistos, ou câmbio de moedas. Haverá alguém tratando de todos esses pequenos detalhes, resolvendo-os: os mediadores, agentes contratados pelos clubes que os aguardam nos aeroportos, quando não os acompanham no trajeto, obtêm os vistos, negociam com as autoridades locais, abrem contas em bancos, procuram casas em condomínios fechados e onde já moram outros jogadores brasileiros, levam seus filhos aos médicos, servem como tradutores. Mesmo um jogador desconhecido e jovem, como Marcelinho, que jogou no Alborg (Dinamarca), recebe essa atenção especial:

*Eu: Tinha alguém no aeroporto te esperando?*

*Marcelinho: Tinha; minha professora de dinamarquês já tava me esperando no aeroporto, pra que ela me acompanhasse na cidade. Morava num apartamento, o clube me deu um apartamento eu fiquei bem tranquilo lá, graças a Deus.*

Um simples atraso pode ser vivenciado como uma experiência dramática quando se está num país desconhecido, como contou Dante, jo-

gador do Lille, em 2005:

*Eu vim sozinho. Esta foi uma parte um pouco complicada. Eu cheguei sozinho, não sabia falar a língua. Então o pessoal do clube mandou alguém, houve um pequeno atraso, fiquei umas três horas esperando no aeroporto, sozinho. Então foi um pouco desgastante este primeiro momento quando cheguei. Depois o resto deu certo... O rapaz veio me pegar no aeroporto e fomos direto para Lille, duas horas de viagem de carro, e depois fiquei em um pequeno hotel. O Rafael (outro jogador brasileiro) já estava lá, falava o francês bem. Isto ajudou bastante, pois ele já falava o francês, já sabia se comunicar, então tudo o que eu queria eu pedida para ele.*

A ausência de algum desses mediadores é vivida como empecilho aos movimentos, como revela Rinaldo, que passou 6 meses em Seul, na Coreia:

*O dia-a-dia era treinar. Todos os dias, era treino e casa, né? Se você queria sair pra algum lugar, não tinha como você sair, porque você não sabia falar nada, a língua lá é muito difícil, então era mais treino-casa, casa-treino. Às vezes a gente fazia algum churrasco ou almoço na casa de algum brasileiro; a gente morava perto um do outro, pra poder o tempo passar mais rápido.*

Enfim, como me repetiu dezenas de vezes Maria, a simpática funcionária do departamento de futebol do Panatinaikos, “nós fazemos tudo para que eles não tenham com o que se preocupar”. E o “tudo”, aqui, incluía obter favores ilegais de autoridades gregas, o que ele me representava com um gesto quase de tai-chi, empurrando o vento com a mão.

*Nós temos aqui um team-manager, alguém do nosso staff, que os ajuda a achar uma casa, escola para as crianças, caso tenham [a escola inicia em final de agosto e início de setembro] então eles têm tempo suficiente. E, sobre os papéis, alguns não necessitam um de uma ‘permissão para estar’, pois têm passaporte europeu, têm um passaporte da Itália usualmente; mas, para os que não têm, eu me ocupo. Eu tenho a lei, sei o que precisam, coeto os documentos necessários, eles não precisam se envolver com isso. Para ser honesta, às vezes as autoridades nos ajudam um pouco, porque eles sabem que somos do Panatinaikos, que eles são jogadores estrangeiros, que precisam mudar-se. É o início da temporada de viagens, eles precisam viajar: pre-*

*cisam ir à Suíça, à Áustria, para a preparação, então é difícil para eles estarem aqui e resolver isso. Então eu coletei tudo (dê-me uma cópia do seu passaporte, dê-me isso, dê-me aquilo), levo os papéis às autoridades e peço às autoridades para serem rápidas, porque eles precisam, e então eles começam.*

E, quando aparecem necessidades imponderáveis, ainda assim o clube está lá para ajudar:

*Olha, nós temos um profissional, um rapaz que viveu muitos anos no Brasil, que fala português, e ele os ajuda. Não exatamente como... 'Osada bota'? [Ela busca a palavra em inglês com o advogado do clube que está na mesa ao lado, não a encontra]. Como um amigo, como um assessor. Nós lhe damos algo [pagamento], pensamos que é bom [que faça esse trabalho], mas ele começou com um brasileiro, e os outros começaram a pedir: "você pode me ajudar também?"; "você pode me ajudar?"*

Andreas Droukopoulos, o assessor de imprensa do clube e mediador entre os jornalistas e os jogadores, fazendo-se também às vezes de tradutor do inglês ao grego para os que dominam o inglês, confirmou-me a importância de Atanasopos na mediação diária entre os jogadores e os gregos. Ele parece desempenhar o mesmo papel que tinha Marrom em Sevilha ou Márcio em Alkmaar. O primeiro, tendo chegada à Espanha acompanhando Denílson, logo passou a assessorar outros jogadores brasileiros no dia-a-dia fora da zona; já Márcio, jornalista recém formado, integrava o sistema adotado pelos empresários de Ari (do Az, atual campeão Holandês) devendo acompanhar o jogador em todos os seus momentos, servindo de intérprete, motorista, secretário e, inclusive, morando em sua casa, numa prática que mescla prestação de serviços com vigilância e amizade, o que dissolve as fronteiras entre o trabalho e a vida pessoal. Quando conversei pela primeira vez com Márcio, no lobby da sede do clube cuja sacada dá vistas para o campo de treinamento, percebi que ele constantemente se virava para olhar o campo e buscar Ari: tinha de ter permanentemente sua localização para bem preencher o relatório diário que envia aos empresários, no qual constam os movimentos do jogador fora e dentro de campo, filmes e fotos.

Além de Maria e Andreas, o Panatinaikos conta com outros assessores para resolver os problemas práticos dos jogadores: dois *chauffers*

que vão ensinar-lhes o caminho da casa até o centro de treinamento e dois agentes imobiliários.

*Olhe, as coisas são automáticas. Pelo contrato, geralmente eles ganham um carro. Nós temos duas ou três agências imobiliárias; elas começam a falar com eles e a mostrar casas; eles escolhem uma casa. Conheço toda a burocracia, começo a coletar os papéis, deposito os papéis. Perto do Centro Atlético, há uma cidadezinha (municipality), um shopping center. O manager leva-os para comprarem roupas, para o banco. O gerente do banco pergunta: “ok, o que você precisa?”. Nosso gerente os apresenta: “esse é o Gilberto Silva”. Todos conhecem Gilberto Silva. Eles abrem a conta. A vida segue muito normal.*

“Normal” não é bem o termo, pois aos comuns dos mortais seria necessário algo mais do que o nome para abrir uma conta bancária. De fato, pelo nome ou por outra qualidade qualquer, o fato é que as portas tendem a se abrir aos jogadores, e mesmo leis são alteradas de modo a facilitar o seu ingresso e trânsito no interior das fronteiras nacionais.

*Há uma lei diferente, e acho que iniciou na última temporada. Os jogadores... não é necessário apresentarem um visa nacional, de seus países, para trabalharem. Com um visto de turismo é OK para eles. E isso é mais fácil para nós. Porque, em temporadas passadas, o procedimento de obter um visto nacional de trabalho necessitava muitos, muitos dias. Burocracia, muita burocracia, a burocracia aqui é enorme, eu não sei em outros países. Então, agora esse visto turista é o suficiente, apenas para os atletas, e com ele podemos proceder com o que precisamos fazer. Isso é diferente, é exclusivo para os atletas.*

A lei que permite a “turistas” trabalhar é específica da Grécia, mas depoimentos semelhantes ao de Maria e Andreas obtive de outros assessores na Holanda (PSV, Ajax, Feyenoord, e até de clubes menores, como o Heracles, de Almelo) e dos jogadores contatados. Mais do que num país, numa cidade, eles estão em um clube – e os clubes, a partir de certo patamar da hierarquia do sistema futebolístico, apresentam certa homogeneidade de espaços e de práticas que independem do local onde estão situados: todos devem treinar ao menos uma vez por dia nos centros de treinamento ou no próprio estádio (muito semelhantes uns com os outros), todos devem apresentar-se para os jogos, todos devem viajar e

---



hospedar-se em hotéis, frequentam salas de ginásticas, halls de aeroportos, salas de imprensa – ou seja, passam de um não-lugar (AUGÉ, 1992) a outro. Devem, sobretudo, respeitar uma rígida regulamentação de conduta que, em alguns casos, como o da Holanda, dificilmente encontra paralelo entre outras profissões, senão na carreira militar. Horários rígidos pontuando o tempo de trabalho (e o do não-trabalho), disciplina vestimentária (ir ao estádio de terno e gravata, ter uma roupa para os deslocamentos antes dos jogos no seu estádio e outra nos jogos fora de seu estádio), ausência de telefones celulares durante o deslocamento de ida – mas não no de volta – e nos vestiários, lugares fixos na mesa, ordem fixa de quem se serve durante as refeições, não-troca de camisas após os jogos com os adversários, pontualidade absoluta na chegada aos treinamentos e em todas as reuniões previstas, etc., fazem o dia-a-dia dos jogadores ser absolutamente controlado. E as penalidades previstas para os casos de transgressões – monetárias e de exclusão da equipe – fazem com que tenham interesse em aceitar o controle. A denominação do local onde, especialmente no Brasil, passam dias antes dos jogos é reveladora dessa vigilância: “concentração”. Mais do que um lugar para concentrar-se para o próximo embate, o nome parece evocar um “campo de concentração”, onde os jogadores, formando um bloco unido, concentrados no interior da *zona*, são mais facilmente vigiados. Esta vigilância estende-se também e cada vez mais para os horários de não-trabalho, através de olheiros do clube, da onipresença da mídia, ou dos próprios torcedores<sup>27</sup>.

Essa vigilância não é nova no futebol<sup>28</sup>; o que mudou foram as con-

---

<sup>27</sup> A vigilância sobre o tempo de lazer teve recentemente vários episódios exemplares: a visita de dois dias de Adriano ao seu bairro de origem (tratado na mídia como seu desaparecimento em uma favela), as imagens de Ronaldo dançando em uma boate no interior paulista e o escândalo relacionado à frequentação de outra ou a expulsão de Ronaldinho perpetrada por torcedores em uma casa noturna de Barcelona (quando ela já atuava no Milan).

<sup>28</sup> As anedotas sobre fuga de concentrações remontam a várias gerações de futebolistas e demonstram que o controle e sua burla acompanham há tempos o futebol. Antigamente, era comum os jogadores morarem em simples pensões, como foi o caso de Pelé no início da carreira, conforme relato de Pacoti.

- *E o Pelé morava com o Coutinho?*

Pacoti: *Com o Coutinho. Ele morava numa pensão... mas ia todo mundo pro nosso apartamento.*

- *Faziam farra lá?*

dições em que ela ocorre, o aparato tecnológico a seu serviço (BITENCOURT, 2009), o que permite um microcontrole sobre as substâncias ingeridas pelos jogadores através de exames periódicos que servem ao controle fármaco (PRECIADO, 2008) e uma ingerência maior dadas as melhores condições econômicas dos clubes hoje.

Frequentemente, viajar entre fronteiras não significa necessariamente que estes jogadores conheçam os países que visitam. A rotina destas viagens é prevista pelo clube e altamente controlada, de modo que não resta grande margem de tempo para que possam deslocar-se livremente no espaço das cidades e conhecer os locais onde estão. Quando perguntei a Denílson se conheciam muitos países, a resposta irônica foi: “sim, os hotéis sim, conhecemos bem os hotéis e os aeroportos”.

Concluindo, diria que as relações entre o futebol e a globalização merecem ser focadas não apenas porque este (e outros) esportes refletem dinâmicas da globalização, mas porque as práticas futebolísticas impactam e redefinem alguns dos seus termos, como o próprio conceito de globalização, de emigração/imigração ou o de fronteiras. Cosmopolitas? Aqui também não se trata de uma aristocracia espiritual, num dos sentidos do termo, tampouco se busca incrementar laços com outros lugares. Deslocar-se, atravessar fronteiras nacionais e principalmente fronteiras clubísticas é uma estratégia de acumulação de bens materiais (no caso, salários) e simbólicos (no caso, o prestígio no sistema futebolístico). “Pode-se ser poligloto sem deixar de ser etnocêntrico”: a fórmula que Velho (2009) usou aplica-se aqui – e olhe que há muitos casos em que nem a língua local se aprende. O êxodo e a repatriação dos jogadores constituem, assim, uma circulação que poderia ser caracterizada como imóvel, na medida em que os sujeitos implicados deslocam-se geograficamente sem deslocarem simbolicamente e permanecem em suas províncias, aldeias, grupos. Essa circulação ocorre em circuitos particulares, *zonas*, que podem abranger diversos Estados-nações, sem que estas fron-

*Pacoti: É, não era propriamente uma farrá, mas a gente aprontava umas...*

*- Tomavam uma cervejinha?*

*Pacoti: Lógico, a gente brincava: “se não beber, não joga”. Mas não era beber como um bêbado, não, eu digo que hoje, hoje a gente pode beber mesmo, mas não podia fazer naquele tempo, não.*

*- Hoje os jogadores gostam muito de pagode, naquela época tinha isso?*

*Pacoti: Não, o profissional não pode fazer isso, não; não pode se expor, mesmo naquele tempo não podia fazer não, tem que saber fazer.*

teiras nacionais sejam especialmente relevantes.

Essas *zonas*, ao contrário das *borderlands* (ANZALDÚA, 1987), não conjugam rebeldias, transgressões, lutas; *zonas*, ao inverso, são higienizadas, reguladas, previsíveis, repetitivas e monótonas. A experiência da fronteira tende a produzir “visões políticas poderosas” (CLIFFORD, 1997: 37). Não tive relato de nenhuma consciência política despertada nesse cruzamento de fronteiras nacionais. Protegidos, sem o perigo, cruzar essas fronteiras nem de longe desperta a emoção vivida pelos emigrantes. A dramaticidade está em outro lugar, na passagem de um clube a outro, nos *enjeux* que envolvem as “transferências”, nas expectativas, no cálculo de valores, nas negociações entre agentes e dirigentes, na possível reação contrária dos torcedores, na cobertura da mídia. Por isso, prefiro ver fronteira como existindo entre os clubes, não entre os países. Uma vez instalados nos clubes, ingressam na *zona*, em um território sem fronteiras a serem cruzadas, pois a verdadeira fronteira já o foi. 🖐

## Referências Bibliográficas

ANGER, Gaël; TRUPIANO, Laurant. 2006 *Le football*. Paris: Le Cavalier Bleu.

APPADURAI, Arjun. 1990. “Disjuncture and difference in the global cultural economy”. In: FEATHERSTONE, Mike (ed.). *Global Culture*, org., 295-310. Londres: Sage Publications.

ANZALDÚA, Gloria 1987. *Borderlands: the new mestiza*. San Francisco: Aunt Lute.

ARCHETTI, Eduardo P. 1999. *Masculinities*. Football, Polo and the Tango in Argentina. Oxford/New York: Berg.

AUGE, Marc. 1992 *Non-lieux*. Paris: Seuil.

BILLIG, M. 1995. *Banal nationalism*. London: Sage.

BITENCOURT, Fernando. 2009. *No reino do quero-quero*: corpo e máquina, técnica e ciência em um centro de treinamento de

futebol – uma etnografia ciborgue do mundo vivido. Tese de doutorado em Antropologia Social – PPGAS/UFSC. Florianópolis.

BOURDIEU, Pierre. 1979. *La distinction* – critique sociale du jugement. Paris: Minuit.

CLIFFORD, James 1997. *Routes: Travel and Translation in the Late Twentieth Century*.

Cambridge, Mass.: Harvard University Press

DA MATTA, Roberto; GUEDES, Simoni. 1982. *Universo do Futebol*. Esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke

FAVELL, A. 2006 *The human face of global mobility*. London: Transction.

FOUCAULT, Michel 1976. *Histoire de la Sexualité* I. La Volonté de Savoir.

Paris, Gallimard. (História da Sexualidade I. A Vontade de Saber. Rio de Janeiro, Graal, 1977)

GROSSI, Miriam; MOTTA, Antônio; CAVIGNAC, Julie. 2006. *A antropologia Francesa no século XX*. Recife: Massangana.

KEARNEY, M. 1996. *Anthropology in global perspective*. Boulder: Westview Press.

LANFRANCHI, Pierre; TAYLOR, Matthew. 2001. *Moving with the ball*. Oxford/New York: Berg.

LEITE LOPES, J. 1998. "Futebol 'mestiço': história de sucessos e contradições". In: *Ciência Hoje*, 139:18-26.

MAIA, Susana 2009. "Intersections of the Transnational: Brazilian dancers in New York City's gentlemen's bars". In: *Vibrant Virtual Brazilian Anthropology*, v. 6 n.1.

MENEZES BASTOS, Rafael. 2007 "Les Batutas, 1922: Une anthropologie de la nuit parisienne". In: *Vibrant*, v. 4, n.1.

PEFFERKORN, Maurice. 1944. *Football joie du Monde*. Paris: Susse.

PISCITELLI, Adriana 2004. "On Gringos and Natives, Gender and Sexuality in the Context of International Sex Tourism". In: *Vibrant Virtual Brazilian Anthropology*, v 1 (pp. 87-114). Disponível em: <http://www.vibrant.org.br/portugues/artigos2004.htm>.

PRECIADO, Beatriz. 2008. *Testo Yonqui*. Madrid: Editora Espasa.

REMITTANCES from Portugal to Brazil could reach 420 million euros a year, study says. *Inter-American Development Bank*

*News*, 25 mai. 2006. Disponível em: <<http://www.iadb.org/news/articledetail.cfm?language=EN&artid=3095>>. Acesso em: 20 jun. 2008.

RIAL, Carmen. "Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior". *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, vol.14, n.30, dez. 2008.

RIAL, Carmen. 2009. "Porque todos os 'rebeldes' falam português? A circulação de jogadores brasileiros/sul-americanos na Europa, ontem e hoje". In: CARMO, Renato; MELO, D.; BLANES, R. (orgs.). *A globalização no divã*. Lisboa: Tinta-da-China.

RIBEIRO, G. L. 1992. "Bichos-de-Obra: fragmentação e reconstrução de identidades". In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 18: 30-40.

SASSEN, Saskia. 1991. *The global city*. New York, London, Tokyo. Princeton: Princeton University Press.

TARRIUS, Alain. 1992 *Les fourmis d'Europe*. Paris: l'Harmattan.

VELHO, Gilberto. 1981. *Individualismo e cultura*: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Zahar.

VELHO, Gilberto. 1999. *Projeto e metamorfose*: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Zahar.

VELHO, Gilberto. 2009. "Metrópoles, cosmopolitismo e mediação". Comunicação oral no IV Congresso da Associação Portuguesa de Antropologia, Lisboa, ISCTE.



## ANTROPOLOGIA EM PRIMEIRA MÃO

### Instruções para Colaboradores

APM aceita originais em português, espanhol, francês e inglês, encaminhados (em formato Word [.doc]) em duas cópias impressas e em versão digital via e-mail. No caso de textos submetidos por estudantes de pós-graduação, sua publicação dependerá de avaliação de parecerista, docente do PPGAS. Os autores receberão dois exemplares do número da revista na qual seus trabalhos forem publicados.

#### Diretrizes de Formatação para Submissão

A. *Página*: tamanho A4 (21 x 29,7cm).

B. *Fonte*: Times New Roman, tamanho 12, ao longo de todo o texto, incluindo referências, notas de rodapé, tabelas, etc.

C. *Margens*: 2,5 cm em todos os lados (superior, inferior, esquerda e direita).

D. *Espaçamento*: espaço simples ao longo de todo o manuscrito, incluindo folha de rosto, resumo, abstract, corpo do texto, referências, anexos, etc.

E. *Alinhamento*: esquerda

F. *Recuo da primeira linha do parágrafo*: tab = 1,25cm

G. *Numeração das páginas*: no canto direito superior de cada página.

H. *Endereços da internet*: as referências dos endereços "URL" (links para a internet) no texto (ex.: <<http://www.antropologia.ufsc.br>>) deverão incluir a data de acesso.

I. *Ordem dos elementos do manuscrito*: folha de rosto identificada (todos os autores), folha de rosto sem identificação, resumo e abstract com palavras-chaves (e keywords), corpo do texto, referências, anexos, notas de rodapé, tabelas e figuras. Inicie cada um deles em uma nova página.

#### Elementos do manuscrito:

A. *Folha de rosto identificada*: título (máximo de 20 palavras); nome e afiliação institucional de cada autor; e-mail dos autores para correspondência com os leitores e com os editores responsáveis.

C. *Folha de rosto sem identificação*: título (máximo 20 palavras).

D. *Resumos em português e inglês* (abstract): com no máximo 100-150 palavras cada, incluindo o título. Ao fim do resumo, listar pelo menos três e no máximo cinco palavras-chave (em letras minúsculas e separadas por ponto e vírgula). O resumo em inglês (abstract) vem a seguir, com as respectivas palavras-chaves (keywords).

E. *Corpo do texto*: não é necessário colocar título do manuscrito nesta página. As subseções do corpo do texto não começam cada uma em uma nova página e seus títulos devem estar centralizados e ter a primeira letra de cada palavra em letra maiúscula (por exemplo, Resultados, Método e Discussão, etc). Os subtítulos das subseções devem estar em itálico e ter a primeira letra de cada palavra em letra maiúscula (por exemplo, os subtítulos da subseção Método: Participantes, ou Análise dos Dados).

As palavras "Figura", "Tabela", "Anexo" que aparecerem no texto devem ser escritas com a primeira letra em maiúscula e acompanhadas do número (Figuras e Tabelas) ou letra (A-

nexos) ao qual se referem. Os locais sugeridos para inserção de figuras e tabelas deverão ser indicados no texto.

**Sublinhados, itálicos e negritos:** sublinhe apenas as palavras ou expressões que devam ser enfatizadas no texto. Por exemplo, "estrangeirismos" como *self*, *locus*, etc, e palavras que deseje salientar. Não utilize itálico (a não ser onde é requerido pelas normas de publicação), negrito, marcas d'água ou outros recursos, pois trazem problemas sérios para os editores de texto e leitura de provas.

Dê sempre crédito aos autores, incluindo as datas de publicação de todos os estudos referidos. Todos os nomes de autores cujos trabalhos forem citados devem ser seguidos da data de publicação. Todos os estudos citados no texto devem ser listados na seção de Referências.

F. *Referências:* Inicie uma nova página para a seção de Referências, com este título centralizado na primeira linha abaixo do cabeçalho. Apenas as obras consultadas e mencionadas no texto devem aparecer nesta seção. Continue utilizando simples e não deixe um espaço extra entre as citações. As referências devem ser citadas em ordem alfabética pelo sobrenome dos autores e cronológica ascendente por obra de cada autor.

G. *Anexos:* evite. Somente devem ser incluídos se contiverem informações indispensáveis. Os Anexos devem ser apresentados cada um em uma nova página, devendo ser indicados no texto e apresentados no final do manuscrito, identificados pelas letras do alfabeto em maiúsculas (A, B, C, e assim por diante).

H. *Notas de rodapé:* devem ser evitadas sempre que possível. No entanto, se não houver outra possibilidade, devem ser indicadas por algarismos arábicos sobrescritos no texto e apresentadas no final do artigo. O título (Notas de Rodapé) deve aparecer centralizado na primeira linha abaixo do cabeçalho. Recue a primeira linha de cada nota de rodapé em 1,25cm e numere-as conforme as respectivas indicações no texto.

I. *Tabelas:* Devem ser elaboradas em Word (.doc) ou Excel. No caso de apresentações gráficas de tabelas, use preferencialmente colunas, evitando outras formas de apresentação como pizza, etc. Nestas apresentações evite usar cores. Cada tabela começa em uma página separada. A palavra a "Tabela" é alinhada à esquerda na primeira linha abaixo do cabeçalho e seguida do número correspondente à tabela. Dê um espaço duplo e digite o título da tabela à esquerda, em itálico e sem ponto final. Apenas a primeira letra da primeira palavra e de nomes próprios deve estar em maiúsculo.

J. *Fotos e Figuras:* Fotos devem ser do tipo de arquivo JPG e apresentadas em arquivo separado, inseridas no sistema como documento suplementar. Fotos e figuras não devem exceder 13,5 cm de largura por 17,5 cm de comprimento. A palavra Figura é alinhada à esquerda na primeira linha abaixo do cabeçalho e seguida do número correspondente à figura. Dê um espaço duplo e digite o título da figura à esquerda, em itálico e sem ponto final. Apenas a primeira letra da primeira palavra e de nomes próprios deve estar em maiúsculo.

#### K. *Referências bibliográficas*

As referências bibliográficas devem aparecer no corpo do texto com o seguinte formato: Sobrenome do autor /espaço/ ano de publicação: /espaço/páginas, conforme o exemplo: (Midani 2008: 279-281).

A bibliografia deve ser apresentada em ordem alfabética de sobrenome, após as notas, respeitando o formato dos seguintes exemplos:

Livro:

AGOSTINHO, Pedro. 1974. *Kwarip: Mito e Ritual no Alto Xingu*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

Coletânea:

CARDOSO, Vânia Zikán (org.). 2008. *Diálogos Transversais em Antropologia*. Florianópolis: UFSC/Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social.

Artigo em Coletânea:

SANTOS, Sílvio Coelho dos. 1998. "Notas sobre Ética e Ciência". In: Ilka Boaventura Leite (org.), *Ética e Estética na Antropologia*. Florianópolis: UFSC/Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, pp. 83-88.

Artigo em Periódico:

SANCHIS, Pierre. 2002. "Religiões no Mundo Contemporâneo: Convivência e Conflitos". *Ilha – Revista de Antropologia*, 4 (2):5-23.

Tese Acadêmica:

MELLO, Maria Ignez Cruz. 2005. *Música, Mito e Ritual no Alto Xingu*. Tese de Doutorado em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina.

### **Serão aceitos trabalhos com as seguintes características:**

1. Artigos ou ensaios (até sete mil palavras, tudo incluindo);
2. Debates: artigos com especial interesse teórico-metodológico que se fazem acompanhar de comentários críticos assinados por outros autores (até 7.000 palavras)
3. Entrevistas (até 7000 palavras)
4. Ensaio bibliográfico: resenha crítica e interpretativa de vários livros, teses, dissertações e outras publicações que abordem a mesma temática (até 3.000 palavras, incluindo as referências bibliográficas e notas);
5. Resenhas biblio/disco/cine/videográficas; pequenas resenhas de livros, discos, filmes ou vídeos recentes (até dois anos, até mil palavras, incluindo as referências bibliográficas e notas);
6. Notas de pesquisa: relato de resultados preliminares ou parciais de pesquisa (até 1500 palavras, incluindo as referências bibliográficas e notas);
7. Traduções: de textos importantes da disciplina, cuja tradução ao português inexistente ou é de difícil acesso. Somente serão aceitas traduções acompanhadas com o devido consentimento do autor, família ou editora em que o texto foi originalmente publicado. No caso de obras que já caíram em domínio público, as exigências acima não prevalecerão.

### **Declaração de Direito Autoral**

Os direitos autorais dos artigos publicados em APM são do autor, com direitos de primeira publicação para a revista.

### **Observações**

As opiniões emitidas nos artigos publicados em APM são de responsabilidade exclusiva dos respectivos autores. Em virtude de aparecerem nesta revista de acesso público, os artigos são de uso gratuito, com atribuições próprias, em aplicações educacionais e não-comerciais. Ao reproduzir total ou parcialmente algum artigo, é obrigatório citar a fonte. Os nomes e endereços informados nesta revista serão usados exclusivamente para os serviços prestados por esta publicação, não sendo disponibilizados para outras finalidades ou a terceiros.



## ANTROPOLOGIA EM PRIMEIRA MÃO

### Títulos publicados

1. MENEZES BASTOS, Rafael José de. A Origem do Samba como Invenção do Brasil: Sobre o "Feito de Oracão" de Vadico e Noel Rosa (Por que as Canções Têm Música?), 1995.
2. MENEZES BASTOS, Rafael José de e Hermenegildo José de Menezes Bastos. A Festa da Jaguatirica: Primeiro e Sétimo Cantos - - Introdução, Transcrições, Traduções e Comentários, 1995.
3. WERNER Dennis. Policiais Militares Frente aos Meninos de Rua, 1995.
4. WERNER Dennis. A Ecologia Cultural de Julian Steward e seus desdobramentos, 1995.
5. GROSSI Miriam Pillar. Mapeamento de Grupos e Instituições de Mulheres/de Gênero/Feministas no Brasil, 1995.
6. GROSSI Miriam Pillar. Gênero, Violência e Sofrimento - Coletânea, Segunda Edição 1995.
7. RIAL Carmen Sílvia. Os Charmes dos Fast-Foods e a Globalização Cultural, 1995.
8. RIAL Carmen Sílvia. Japonês Está para TV Assim como Mulato para Cerveja: Imagens da Publicidade no Brasil, 1995.
9. LAGROU, Elsie Maria. Compulsão Visual: Desenhos e Imagens nas Culturas da Amazônia Ocidental, 1995.
10. SANTOS, Sílvio Coelho dos. Lideranças Indígenas e Indigenismo Oficial no Sul do Brasil, 1996.
11. LANGDON, E. Jean. Performance e Preocupações Pós-Modernas em Antropologia 1996.
12. LANGDON, E. Jean. A Doença como Experiência: A Construção da Doença e seu Desafio para a Prática Médica, 1996.
13. MENEZES BASTOS, Rafael José de. Antropologia como Crítica Cultural e como Crítica a Esta: Dois Momentos Extremos de Exercício da Ética Antropológica (Entre Índios e Ilhéus), 1996.
14. MENEZES BASTOS, Rafael José de. Musicalidade e Ambientalismo: Ensaio sobre o Encontro Raoni-Sing, 1996.
15. WERNER Dennis. Laços Sociais e Bem Estar entre Prostitutas Femininas e Travestis em Florianópolis, 1996.
16. WERNER, Dennis. Ausência de Figuras Paternas e Delinquência, 1996.
17. RIAL Carmen Sílvia. Rumores sobre Alimentos: O Caso dos Fast-Foods, 1996.
18. SÁEZ, Oscar Calavia. Historiadores Selvagens: Algumas Reflexões sobre História e Etnologia, 1996.
19. RIFIOTIS, Theophilos. Nos campos da Violência: Diferença e Positividade, 1997.
20. HAVERROTH, Moacir. Etnobotânica: Uma Revisão Teórica, 1997.
21. PIEDADE, Acácio Tadeu de C. Música Instrumental Brasileira e Fricção de Musicalidades, 1997.
22. BARCELOS NETO, Aristóteles. De Etnografias e Coleções Museológicas. Hipóteses sobre o Grafismo Xinguano, 1997
23. DICKIE, Maria Amélia Schmidt. O Milenarismo Mucker Revisitado, 1998
24. GROSSI, Miriam Pillar. Identidade de Gênero e Sexualidade, 1998
25. CALAVIA SÁEZ, Oscar. Campo Religioso e Grupos Indígenas no Brasil, 1998
26. GROSSI, Miriam Pillar. Direitos Humanos, Feminismo e Lutas contra a Impunidade. 1998
27. MENEZES BASTOS, Rafael José de. Ritual, História e Política no Alto-Xingu: Observação a partir dos Kamayurá e da Festa da Jaguatirica (Yawari), 1998
28. GROSSI, Miriam Pillar. Feministas Históricas e Novas Feministas no Brasil, 1998.
29. MENEZES BASTOS, Rafael José de. Músicas Latino-Americanas, Hoje: Musicalidade e Novas Fronteiras, 1998.
30. RIFIOTIS, Theophilos. Violência e Cultura no Projeto de René Girard, 1998.
31. HELM, Cecília Maria Vieira. Os Indígenas da Bacia do Rio Tibagi e os Projetos Hidrelétricos, 1998.
32. MENEZES BASTOS, Rafael José de. Apuà World Hearing: A Note on the Kamayurá Phono-Auditory System and on the Anthropological Concept of Culture, 1998.
33. SÁEZ, Oscar Calavia. À procura do Ritual. As Festas Yaminawa no Alto Rio Acre, 1998.
34. MENEZES BASTOS, Rafael José de & PIEDADE, Acácio Tadeu de Camargo: Sopros da Amazônia: Ensaio-Resenha sobre as Músicas das Sociedades Tupi-Guarani, 1999.
35. DICKIE, Maria Amélia Schmidt. Milenarismo em Contexto Significativo: os Mucker como Sujeitos, 1999.
36. PIEDADE, Acácio Tadeu de Camargo. Flautas e Trompetes Sagrados do Noroeste Amazônico: Sobre a Música do Jurupari, 1999.
37. LANGDON, Esther Jean. Saúde, Saberes e Ética — Três Conferências sobre Antropologia da Saúde, 1999.
38. CASTELLS, Alicia Norma Gonzáles de. Vida Cotidiana sob a Lente do Pesquisador: O valor Heurístico da Imagem, 1999.
39. TASSINARI, Antonella Maria Imperatriz. Os povos Indígenas do Oiapoque: Produção de Diferenças em Contexto Interétnico e de Políticas Públicas, 1999.
40. MENEZES BASTOS, Rafael José de. Brazilian Popular Music: An Anthropological Introduction (Part I), 2000.
41. LANGDON, Esther Jean. Saúde e Povos Indígenas: Os Desafios na Virada do Século, 2000.
42. RIAL, Carmen Sílvia Moraes e GROSSI, Miriam Pillar. Vivendo em Paris: Velhos e Pequenos Espaços numa Metrópole, 2000.



43. TASSINARI, Antonella M. I. Missões Jesuíticas na Região do Rio Oiapoque, 2000.
44. MENEZES BASTOS, Rafael José de. Authenticity and Divertissement: Phonography, American Ethnomusicology and the Market of Ethnic Music in the United States of America, 2001.
45. RIFIOTIS, Theophilos. Les Médias et les Violences: Points de Repères sur la "Réception", 2001.
46. GROSSI, Miriam Pillar e RIAL, Carmen Sílvia de Moraes. Urban Fear in Brazil: From the Favelas to the Truman Show, 2001.
47. CASTELS, Alicia Norma Gonzáles de. O Estudo do Espaço na Perspectiva Interdisciplinar, 2001.
48. RIAL, Carmen Sílvia de Moraes. 1. Contatos Fotográficos. 2. Manezinho, de ofensa a troféu, 2001.
49. RIAL, Carmen Sílvia de Moraes. Racial and Ethnic Stereotypes in Brazilian Advertising. 2001
50. MENEZES BASTOS, Rafael José de. Brazilian Popular Music: An Anthropological Introduction (Part II), 2002.
51. RIFIOTIS, Theophilos. Antropologia do Ciberespaço. Questões Teórica-Metodológicas sobre Pesquisa de Campo e Modelos de Sociabilidade, 2002.
52. MENEZES BASTOS, Rafael José de. O índio na Música Brasileira: Recordando Quinhentos anos de esquecimento, 2002
53. GROISMAN, Alberto. O Lúdico e o Cósmico: Rito e Pensamento entre Daimistas Holandeses, 2002
54. MELLO, Maria Ignez Cruz. Arte e Encontros Interétnicos: A Aldeia Wauja e o Planeta, 2003.
55. SÁEZ Oscar Calavia. Religião e Restos Humanos. Cristianismo, Corporalidade e Violência, 2003.
56. SÁEZ, Oscar Calavia. Un Balance Provisional del Multiculturalismo Brasileño. Los Indios de las Tierras Bajas en el Siglo XXI, 2003.
57. RIAL, Carmen. Brasil: Primeiros Escritos sobre Comida e Identidade, 2003.
58. RIFIOTIS, Theophilos. As Delegacias Especiais de Proteção à Mulher no Brasil e a «Judicialização» dos Conflitos Conjugais, 2003.
59. MENEZES BASTOS, Rafael José. Brazilian Popular Music: An Anthropological Introduction (Part III), 2003.
60. REIS, Maria José, Maria Rosa Catullo e Alicia N. González de Castells. Ruptura e Continuidade com o Passado: Bens Patrimoniais e Turismo em duas Cidades Relocalizadas, 2003.
61. MÁXIMO, Maria Elisa. Sociabilidade no "Ciberespaço": Uma Análise da Dinâmica de Interação na Lista Eletrônica de Discussão "Cibercultura", 2003.
62. PINTO, Márcio Teixeira. Artes de Ver, Modos de Ser, Formas de Dar: Xamanismo e Moralidade entre os Arara (Caribe, Brasil), 2003.
63. DICKIE, Maria Amélia S., org. Etnografando Pentecostais: Três Casos para Reflexão, 2003.
64. RIAL, Carmen. Guerra de Imagens: o 11 de Setembro na Mídia, 2003.
65. COELHO, Luis Fernando Hering. Por uma Antropologia da Música Arara (Caribe): Aspectos Estruturais das Melodias Vocais, 2004.
66. MENEZES BASTOS, Rafael José de. Les Batutas in Paris, 1922: An Anthropology of (In) discreet Brightness, 2004.
67. MENEZES BASTOS, Rafael José de. Etnomusicologia no Brasil: Algumas Tendências Hoje, 2004.
68. SÁEZ, Oscar Calavia. Mapas Carnales: El Territorio y la Sociedad Yaminawa, 2004.
69. APGAUA, Renata. Rastros do outro: notas sobre um mal-entendido, 2004.
70. GONÇALVES, Cláudia Pereira. Política, Cultura e Etnicidade: Indagações sobre Encontros Intersocietários, 2004.
71. MENEZES BASTOS, Rafael José de. "Cargo anti-cult" no Alto Xingu: Consciência Política e Legítima Defesa Étnica, 2004.
72. SÁEZ, Oscar Calavia. Índios, territorio y nación en Brasil. 2004.
73. GROISMAN, Alberto. Trajetos, Fronteiras e Reparações. 2004.
74. RIAL, Carmen. Estudos de Mídia: Breve Panorama das Teorias de Comunicação. 2004.
75. GROSSI, Miriam Pillar. Masculinidades: Uma Revisão Teórica. 2004.
76. MENEZES BASTOS, Rafael José de. O Pensamento Musical de Claude Lévi-Strauss: Notas de Aula. 2005.
77. OLIVEIRA, Allan de Paula. Se Tonico e Tinoco fossem Bororo: Da Natureza da Dupla Caipira. 2005.
78. SILVA, Rita de Cácia Oenning. A Performance da Cultura: Identidade, Cultura e Política num Tempo de Globalização. 2005.
79. RIAL, Carmen. De Acarajés e Hamburguers e Alguns Comentários ao Texto "Por uma Antropologia da Alimentação" de Vivaldo da Costa Lima. 2005.
80. SÁEZ, Oscar Calavia. La barca que Sube y la Barca que Baja. Sobre el Encuentro de Tradiciones Médicas. 2005.
81. MALUF, Sônia Weidner. Criação de Si e Reinvenção do Mundo: Pessoa e Cosmologia nas Novas Culturas Espirituais no Sul do Brasil. 2005.
82. MENEZES BASTOS, Rafael José de. Uma Antropologia em Perspectiva: 20 Anos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina. 2005.
83. GÓDIO, Matias. As Consequências da Visão: Notas para uma Sócio-Montagem Etnográfica. 2006.
84. COELHO, Luis Fernando Hering. Sobre as Duplas Sujeito/Objeto e Sincronia/Diacronia na Antropologia: Esboço para um Percorso Subterrâneo. 2006.
85. MENEZES BASTOS, Rafael José de. Arte, Percepção e Conhecimento - O "Ver" e o "Ouvir" e o "Complexo das Flautas Sagradas" nas Terras Baixas da América do Sul. 2006.
86. MENEZES BASTOS, Rafael José de. Música nas Terras Baixas da América do Sul: Estado da Arte (Primeira Parte). 2006.

87. RIAL, Carmen. Jogadores Brasileiros na Espanha: Emigrantes, porém... 2006.
88. SÁEZ, Oscar Calavia. Na Biblioteca: Micro-ensaios sobre literatura e antropologia. 2006.
89. MENEZES BASTOS, Rafael José de. Música nas Terras Baixas da América do Sul: Estado da Arte (Segunda Parte). 2006.
90. TEIXEIRA-PINTO, Márnio. Sociabilidade, Moral e Coisas Afins: Modelos Sociológicos e Realidade Ameríndia. 2006.
91. TEIXEIRA-PINTO, Márnio. Transformações Ontológicas e Concepções Morais entre os Arara. 2006.
92. LANGDON, Esther Jean. Shamans and Shamanisms: Reflections on Anthropological Dilemmas of Modernity. 2006.
93. GROISMAN, Alberto. Interlocuções e Interlocutores no Campo da Saúde: Considerações sobre Noções, Prescrições e Estatutos. 2007.
94. LANGDON, Esther Jean. Performance e sua Diversidade como Paradigma Analítico: A Contribuição da Abordagem de Bauman e Briggs. 2007.
95. LANGDON, Esther Jean. The Symbolic Efficacy of Rituals: From Ritual to Performance. 2007.
96. MENEZES BASTOS, Rafael José de. As Contribuições da Música Popular Brasileira às Músicas Populares do Mundo: Diálogos Transatlânticos Brasil/Europa/África (Primeira Parte). 2007.
97. LANGDON, Esther Jean. Rito como Conceito Chave para a Compreensão de Processos Sociais. 2007.
98. DICKIE, Maria Amélia Schmidt. Religious Experience and Culture: Testing Possibilities. 2007.
99. MALUF, Sonia Weidner. Gênero e Religiosidade: Duas Teorias de Gênero em Cosmologias e Experiências Religiosas no Brasil. 2007.
100. MALUF, Sonia Weidner. Peregrinos da Nova Era: Itinerários Espirituais e Terapêuticos no Brasil dos Anos 90. 2007.
101. SÁEZ, Oscar Calavia. Alimento Humano: O Canibalismo e o Conceito de Humanidade. 2007.
102. MENEZES BASTOS, Rafael José de. Para uma Antropologia Histórica das Relações Musicais Brasil/Portugal/África: O Caso do Fado e de sua Pertinência ao Sistema de Transformações Lundu-Modinha-Fado. 2007.
103. BAUMAN, Richard. A Poética do Mercado Público: Gritos de Vendedores no México e em Cuba. 2008.
104. RIAL, Carmen. Les chaînes de fast-food et leur menace à la biodiversité. 2008.
105. BITENCOURT, Fernando; RIAL, Carmen. Fabricação do Corpo, Estética e Mimese: Ensaio Sobre uma Antropologia Visual da Política. 2008.
106. RIAL, Carmen. Matrix x Dogma 95: dois cenários da imagem contemporânea na mídia. 2008.
107. MENEZES BASTOS, Rafael José de. As Contribuições da Música Popular Brasileira às Músicas Populares do Mundo: Diálogos Transatlânticos Brasil/Europa/África (Segunda Parte). 2008.
108. LARRAÍN, AMÉRICA. O "Negócio" da Arte e da Cultura: Considerações sobre o Festival de Dança de Joinville. 2009.
109. RIAL, Carmen. Fronteiras e Zonas na Circulação Global dos Jogadores Brasileiros de Futebol. 2009.
-